

Somos do Alto do Moura, da terra do artesão: diversidade e resistência na Mazurca Pé Quente – Caruaru/PE

Marília Paula dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco | Orcid: 0000-0003-0043-0863

Resumo

Esse artigo surgiu a partir do trabalho realizado para o “Inventário do Ofício dos Artesãos e Artesãs do Barro do Alto do Moura – Caruaru-PE”, que tem como objetivo fazer o pedido de patrimonialização do Alto do Moura. A arte do barro no Alto do Moura está relacionada com várias expressões culturais/artísticas/tradicionais. Por isso elas também foram registradas. A mazurca é uma delas. Esse artigo tem como objetivo descrever a história da mazurca no Alto do Moura e apontar como ela tem resistido, se modificado e ressignificado diante das várias mudanças. Para isso foram realizadas entrevistas com componentes e ex-componentes da Mazurca Pé Quente do Alto do Moura. Também utilizamos bibliografia específica sobre a mazurca em Pernambuco.

Palavras-chave: Mazurca; Alto do Moura; Mudança; Resistência; Música.

“Somos do Alto do Moura, da terra do artesão”: diversity and resistance in Mazurca Pé Quente – Caruaru/PE

Abstract

This paper arose from the work carried out for the “Inventory of craft of artisan of clay of Alto do Moura – Caruaru-PE”, that you fear as an objective to make the request for patrimonialization of the Alto do Moura. Clay art in Alto do Moura is related to various cultural/artistic/traditional expressions. That is why they were also registered. The mazurka is one of them. This paper aims to describe the history of the mazurka in Alto do Moura, and to point out how it has resisted, modified and reframed in the face of various changes. For this we conduct interviews with components and ex-components of Mazurca Pé Quente of Alto do Moura. We also use specific bibliography on mazurka in Pernambuco.

Keywords: Mazurka; Alto do Moura; Change; Resistance; Music.

“Somos do Alto do Moura, da terra do artesão”: diversidad y resistencia en Mazurca Pé Quente – Caruaru/PE

Resumen

Este artículo surge del trabajo realizado para el “Inventario de la artesanía de los artesanos de la Arcilla del Alto do Moura – Caruaru-PE”, que tiene como objetivo solicitar la patrimonialización del Alto do Moura. El arte de la arcilla en Alto do Moura está relacionado con diversas expresiones culturales/artísticas/tradicionales. Por eso fueron registrados. La mazurca es una de ellas. Este artículo tiene como objetivo describir la historia de la mazurca en Alto do Moura y señalar cómo ha resistido, modificado y reformulado ante diversos cambios. Realizamos entrevistas con componentes y excomponentes de Mazurca Pé Quente del Alto do Moura. También utilizamos bibliografía específica sobre la mazurca en Pernambuco.

Palabras Clave: Mazurca; Alto do Moura; Cambio; Resistencia; Música.

Recebido: 2021-06-01 | Aprovado: 2021-06-23

I ntrodução

Esse artigo surgiu a partir do trabalho realizado para o “Inventário do Ofício dos Artesãos e Artesãs do Barro do Alto do Moura – Caruaru-PE”, gerido pela Associação dos Artesãos e Artesãs em Barro e Moradores do Alto do Moura (ABMAM). O projeto foi aprovado pelo Edital 2015/2016 do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA) e tem como um dos objetivos solicitar junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o registro do Alto do Moura como Patrimônio Imaterial Brasileiro.¹

O Alto do Moura, bairro rural situado no município de Caruaru, é conhecido pela sua produção artística e de artesanato no barro, com destaque para a figura de Mestre Vitalino – Vitalino Pereira dos Santos – (1909-1963). Atualmente a arte do barro no Alto do Moura também está relacionada com várias expressões culturais/artísticas/tradicionais. Entendendo a importância dessas expressões, foram realizados seus registros – mazurca, pífano e as bandas de pífanos², bacamarteiros/as³, poetas/poetisas, tiradores de versos⁴, compositores, sanfoneiros, violeiros, reisado⁵ –, assim como um levantamento sobre suas relações com a arte figurativa do barro, ambos feitos por esta pesquisadora.

A mazurca é uma das expressões frequentemente relacionada à arte figurativa do barro que mais se destaca no Alto do Moura. A partir dela os artesãos e as artesãs do barro criaram um grupo: a Mazurca Pé Quente do Alto do Moura. Entendendo a importância dessa expressão não somente para a comunidade do bairro no qual ela está situada, mas para o estado de Pernambuco e, de uma maneira mais ampla, para a cultura de tradição oral do Brasil, esse artigo tem como objetivo descrever a história da mazurca no Alto do Moura e apontar como ela tem resistido se modificado e ressignificado diante das várias mudanças. Esse texto também tem como objetivo fazer um registro da mazurca que é praticada no Alto do Moura. Para isso foram realizadas entrevistas com componentes e ex-componentes da “Mazurca Pé Quente do Alto do Moura”. Também foram utilizadas bibliografias específicas sobre a mazurca no agreste de Pernambuco. Iniciaremos contextualizando o Alto do Moura, seguida de uma abordagem geral sobre a mazurca. Posteriormente falaremos sobre a Mazurca Pé Quente, apresentando alguns exemplos gravados pela Mazurca Pé Quente do Alto do Moura, com breve discussão, apontando para o objetivo desse artigo.

1 O projeto já estava em andamento quando fui convidada para fazer os registros das expressões ligadas à prática da arte e do artesanato do barro no Alto do Moura. Após ter realizado o serviço para o qual fui solicitada – que não havia sido iniciado pelo etnomusicólogo anterior – o coordenador do projeto comunicou que houveram alguns problemas e que por isso não receberam o pagamento pelo FUNCULTURA. Até o momento não recebi o pagamento pelos serviços prestados (durante um ano) como pesquisadora e etnomusicóloga, e nem houve uma explicação acerca da inconclusão do projeto. A ABMAM também nunca fez esclarecimentos.

2 Pífano é uma flauta feita com um tipo de bambu. As bandas de pífanos são grupos formados normalmente por dois pífanos, uma zabumba, uma caixa, um contra surdo e pratos.

3 Pessoas que integram o grupo de bacamarte. É um(a) atirador(a). Bacamarte é também o nome da brincadeira, que consiste em desfilar com uma arma (o bacamarte) carregada com pólvora ao som de música tocada ao vivo – por músicos que acompanham o grupo. Os bacamarteiros dão tiros no chão em comemoração às festas e para saudar os santos católicos (entidades religiosas).

4 Diferente de outros poetas, os tiradores de versos seguem uma métrica que se repete quando pensam os seus versos. Normalmente não os registram. Muitos tiradores de versos são analfabetos.

5 Folgado brasileiro, também chamado de Bumba-meu-boi, Folia de Reis, Boi de Reis, Boi-bumbá. Trata-se de uma encenação teatral com música, ligada ao catolicismo.

Alto do Moura, barro, outras expressões e suas resistências

O Alto do Moura, considerado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) “o maior centro de arte figurativa das Américas”, é um bairro que está localizado a 7km, aproximadamente, do centro da cidade. No local estão concentrada(o)s artistas que produzem arte figurativa no barro (GASPAR, 2011). A arte no barro é bastante conhecida por conta de Mestre Vitalino, principalmente. De acordo com Severino Vitalino – Severino Pereira dos Santos – (1940-2019), artesão entrevistado, seu pai, o Mestre Vitalino, já realizava atividades no barro desde criança, tendo aprendido as primeiras formas com a mãe, que fazia utensílios para vender na feira. Apesar da relação que existe entre o Mestre Vitalino e o Alto do Moura, esse artesão não nasceu neste bairro, mas em outra região rural de Caruaru: o Sítio Campos. Apenas em 1948 é que o mestre do barro e sua família foram viver no Alto do Moura. Isso porque no final da década de 1940 o Alto do Moura era um lugar acessível para comercializar os bonecos⁶ e demais utensílios de barro, pois a BR 232⁷ passava por ele. Em 1960 a BR 232 foi transferida para outra parte – onde permanece até hoje –, ficando mais próxima ao Sítio Campos (SEVERINO VITALINO, 2018).

De acordo com Gaspar, é possível perceber, através da cerâmica produzida na região até a metade do século passado, que existe uma grande influência de culturas advindas de povos indígenas. Constata-se também a presença de práticas oriundas da influência de povos brancos europeus e de pessoas negras advindas da África. Vale destacar que essa região tem um histórico na confecção de utensílios de barro e que a atividade era responsabilidade das mulheres e das crianças (GASPAR, 2011). Notamos que, com o passar dos anos, com a importância que a produção de utensílios de barro passou a ter, mais especificamente a arte figurativa, pessoas do sexo e gênero masculino foram tendo interesse pela prática. Claro, há um fator econômico envolvido também. Esses utensílios, artesanatos, artes e até mesmo brinquedos de barro eram e são feitos com o objetivo de ser comercializados. Gaspar explica que, no início do século passado a existência da Feira de Caruaru⁸ e o desenvolvimento urbano foram importantes para o aumento da produção da cerâmica (ainda era cerâmica) no Alto do Moura, tornando-se um meio de subsistência para os habitantes das zonas rurais. Mas isso não era suficiente para garantir uma renda para que essas pessoas pudessem sobreviver. A sobrevivência da(o)s produtor(a)s dessa cerâmica ainda estava baseada na agricultura. Essas pessoas cultivavam principalmente milho e mandioca. Foi a partir de Mestre Vitalino, afirma Gaspar, que a atividade do barro passou a tornar-se algo realmente lucrativo⁹ (GASPAR, 2011).

Além de Mestre Vitalino, Mestre Galdino – Manoel Galdino de Freitas – (1929-1996) também teve grande destaque ao produzir arte figurativa de barro. Ele “foi um dos mais importantes escultores do Brasil do século XX” (OLIVEIRA, 2011). A produção artística

6 Boneco é como as pessoas do Alto do Moura e regiões circunvizinhas chamam a arte figurativa do barro. Quando não é considerada arte, e sim artesanato, feito com formas, chamam de boneca.

7 É uma das rodovias (BR) mais importantes de Pernambuco. Ela interliga a capital do estado ao agreste e sertão. E por isso há um grande tráfego nela. Caruaru fica no agreste de Pernambuco.

8 Considerada pelo IPHAN Patrimônio Imaterial do Brasil desde 2006. É uma das maiores feiras ao ar livre do Brasil.

9 Devemos mencionar que Mestre Vitalino, apesar de ter difundido sua arte, tendo peças em grandes museus do Brasil e até mesmo em museus de outros países como o Louvre, na França, morreu paupérrimo, numa casa simples e minúscula, situada no Alto do Moura, que hoje é a Casa-Museu Mestre Vitalino.

deste é bem diferente de Mestre Vitalino. Segundo Oliveira, os trabalhos que inspiraram o Mestre Galdino foram os de Zé Rodrigues e de Zé Caboclo. Seu trabalho chamou a atenção justamente por ser diferente do dos demais artesãos e artesãs da comunidade local, afirma Oliveira, que continuavam seguindo a mesma linha artística que Mestre Vitalino. O trabalho de Mestre Galdino “caracteriza-se por duas grandes séries: a das figuras hieráticas e alongadas de cangaceiros e das figuras fantásticas, simbioses de humano e animal, de inesgotável invenção e que se tornaram sua marca registrada” (OLIVEIRA, 2011). Um outro artista que teve grande destaque também com a produção da arte figurativa do barro no Alto do Moura foi Manuel Eudócio Rodrigues (1931-2016), que recebeu, em 2009, “o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco” (GASPAR, 2011).

É notável também a presença marcante das mulheres na realização da arte figurativa do barro no Alto do Moura. Destacamos o trabalho de Marliete Rodrigues da Silva (1957), filha caçula de Zé Caboclo – José Antônio da Silva – (1921-1973), que teve contato desde cedo com o amassar do barro. Marliete conta que começou fazendo peças para vender, com o objetivo de conseguir dinheiro para poder comprar o que desejava e necessitava. Atualmente recebe encomendas de várias partes do Brasil e de outros países (MARLIETE RODRIGUES, 2019). Seu trabalho está marcado pelo tamanho minúsculo das peças, bonecos com poucos centímetros apenas, com os mínimos detalhes no barro e na pintura. Para pintar e modelar as peças, Marliete (2019) explica que utiliza a ponta dos espinhos de mandacaru¹⁰.

Mas a arte figurativa do barro não é a única expressão artística que permeia o Alto do Moura. Na verdade a população do lugar é bastante envolvida (*naturalmente*) com diversos processos artísticos, expressões culturais, brincadeiras e folguedos.¹¹ Dentre elas podemos destacar a mazurca – a qual abordaremos nesse trabalho –, as bandas de pífanos e demais atividades ligadas às práticas com a utilização desse instrumento, o bacamarte, que é mais frequente durante o período das Festas Juninas¹², o reisado, pessoas que tiram versos, compositores, poetas, poetisas, violeiros, sanfoneiros. Existe até mesmo a encenação da Paixão de Cristo nos dias que antecedem a Páscoa cristã. E a(o)s componentes de todas essas expressões são, em sua quase totalidade, artesãos e artesãs.

Notamos que a arte figurativa do barro destaca-se atualmente, e já desde meados do século XX, por ser algo que tem um valor comercial, econômico e artístico reconhecido. As demais expressões são frequentemente relacionadas ao lazer. A maioria delas têm a presença da música em suas respectivas constituições. Com as mudanças que foram acontecendo ao longo do século passado e nas duas primeiras décadas do atual, notamos que uma maneira que moradore(a)s do Alto do Moura encontraram para validar, fazer essas expressões resistirem, foi relacioná-las à atividade da arte figurativa do barro. É como se fosse um meio de justificar a existência de tais práticas, que já foram esquecidas, deixadas de ser performatizadas, em vários outros lugares onde eram muito frequentes durante o século XX. Dentre elas está a mazurca.

10 É um tipo de cacto comum na região semiárida do Nordeste do Brasil. Tem grandes espinhos em todas suas extremidades.

11 Brincadeiras e folguedos são festas populares. Algumas pessoas as tratam como sinônimas. Outras chamam de folguedo as festas que têm relações com alguma religião e de brincadeira as demais festas sem relações com culturas religiosas.

12 Também chamadas de São João, são as festas comemoradas no mês de junho. Têm como principais momentos os dias dos santos Antônio, João (feriado na região Nordeste) e Pedro. A cidade e o município de Caruaru comemoram as Festas Juninas durante todo o mês de junho.

Mazurca: um nome, várias culturas

Ao falar de mazurca devemos pensar no plural, pois mesmo as do agreste de Pernambuco¹³, por mais que se assemelhem, têm singularidades próprias. A mazurca no agreste de Pernambuco é uma dança de roda, na qual o ritmo é definido pela batida dos pés (pisada ou trupé) dos mazurqueiros e das mazurqueiras. A cantoria é puxada, numa forma de pergunta e resposta, por um(a) puxador(a), ou coquista, que, no caso da mazurca do Alto do Moura, fica no meio da roda, marcando o ritmo com um chocalho: o maraco. Para Souza (2015, p. 62), a mazurca, assim como outras brincadeiras presentes no Brasil como a ciranda, o carimbo e o coco, é uma brincadeira de roda.

Pensar a origem da mazurca do agreste de Pernambuco é sempre algo complexo, pois a princípio não é encontrada uma relação musical e de outras características com a mazurca europeia. Sobre a origem europeia, Souza explica que a *mazurka* – palavra escrita por Souza dessa forma – se originou de três danças polonesas: a *mazur*, o *kujawiak* e o *oberek*. Em sua origem europeia, continua o autor, a mazurca estava relacionada com uma dança da realeza e da nobreza polonesa. Depois tornou-se algo praticado pelas pessoas de classes *mais populares*. A parte melódica era bastante importante e enfatizada, sendo tocada por instrumentos como rabecas, flautas e acordeons, que tinham seus ritmos reforçados pelas batidas dos pés de quem dançava (SOUZA, 2015, p. 68-69).

A hipótese apresentada por Souza é a de que esse gênero, de origem polonesa, foi difundido pela Europa no período da Idade Média, hibridizando-se com outras manifestações, como as brincadeiras de camponeses. O que levou ao surgimento de diversas manifestações, inclusive com nomes distintos, porém, sempre num contexto rural. Para o autor, a utilização do nome mazurca, em Pernambuco, tem relação com os imigrantes, que acabaram fazendo *conexões* dos divertimentos dos povos indígenas catequizados e dos negros escravizados com os das pessoas do leste europeu (SOUZA, 2015, p. 69-70).

A mazurca do agreste de Pernambuco “é uma espécie de *pronto-brincadeira*, constituindo-se, numa espécie de ‘ritmo-mãe’ – daí alguns brincantes afirmarem ser o coco de roda o pai de todas as brincadeiras e a mazurca do agreste de Pernambuco, a mãe” (SALES, 2015b, p. 100-101, grifo do autor). Para Souza, uma das principais diferenças rítmicas entre a mazurca polonesa e a do agreste pernambucano é que a primeira tem seu ritmo estruturado em compasso ternário ou composto (circular) e a segunda está em compasso binário (pendular). Além do mais, o padrão que constitui as pulsações da mazurca do agreste é irregular (SOUZA, 2015, p. 71).

Segundo Sales (2015a, p. 21-22), a mazurca do agreste de Pernambuco é uma expressão sem motivo aparente. Para ele, mesmo havendo relações religiosas, sociais e outras, ela sempre foi realizada pela vontade de mazurcar, diversão. Sales enfatiza que houve um tempo em que a mazurca era executada pelas famílias e que isso também acontecia em períodos de bater os pisos das casas.¹⁴ Biu da Associação – Severino Barbosa – confirma esta informação em uma reportagem para a TVPE (SÃO JOÃO TVPE, 2012). Podemos então,

13 Nos referimos sempre à mazurca do agreste de Pernambuco porque não sabemos se há mazurcas em outras partes do Brasil. E se houver, também não temos conhecimento sobre suas características.

14 Muitas pessoas pobres no agreste e no sertão de estados como Pernambuco, residentes em regiões rurais, não tinham condições de fazer pisos em suas casas. Então elas batiam o piso. Usavam instrumentos para bater a terra – provavelmente um tipo específico de terra – de uma forma que esta ficava dura, resistente e não produzia poeira. O piso da casa dos meus avós era assim. Essa informação, assim como outras que constam nesse texto, é oriunda das minhas vivências nesses lugares e espaços.

a partir disto, deduzir que a mazurca do agreste de Pernambuco também se configurou, em parte e num determinado período cronológico, como uma espécie de *canto de trabalho*, ou *ritmo de trabalho*, semelhante aos cantos das lavadeiras e das colheitas. E, se era, como colocou Sales, realizada quando as pessoas iam bater os pisos das casas, isso já não seria um motivo para a sua realização? Além do mais, as mazurcas que aconteciam no Alto do Moura e regiões próximas eram motivo de festejos, fossem eles fixos (datas comemorativas) ou não. Isto não seria um movimento aparente?

Souza explica que a mazurca tem uma relação de emoção, de memória familiar. Ela guarda valores que fundamentam as histórias das pessoas envolvidas. Para o estudioso, a letra na mazurca do agreste de Pernambuco tem uma importância bastante significativa, pois é ela que dá incentivo para que brincantes – ou mazurqueiras(o)s – batam os pés no chão, para que realizem o trupé com vontade. Durante os improvisos, feitos por um(a) puxador(a), os sapateados (os trupés, as batidas) ficam mais vigorosos (SOUZA, 2015, p. 53, 74 e 81). É o pisar, o trupé, que traz uma memória que transcende qualquer tempo e espaço históricos na mazurca do interior de Pernambuco. Para Dona Míúda – Josefa Maria Ferreira – (1954), componente e puxadora da Mazurca Pé Quente do Alto do Moura, que por nós foi entrevistada, a força do trupé mostra a alegria das pessoas que compõem o grupo de mazurca. Quanto mais forte for a pisada, mais felicidade a(o)s integrantes da brincadeira são capazes de transmitir para quem está assistindo à apresentação. A força do trupé também é importante para transmitir felicidade para ela(e)s mesma(o)s: os mazurqueiros e as mazurqueiras (DONA MIÚDA, 2018). As letras cantadas, entoadas, têm relação com os contextos vivenciados pela comunidade na qual o grupo está inserido.

De acordo com Sales, as mazurcas, mesmo próximas, têm características que as diferenciam entre si. Em Agrestina, por exemplo, cidade que fica a menos de 24km da cidade de Caruaru, o(a)s mazurqueiros(a)s dançam solto(a)s. Em Caruaru, de mãos dadas e em pares (SALES, 2015a, p. 47). Nas nossas observações não presenciamos nenhum momento na Mazurca Pé Quente do Alto do Moura em que o(a)s mazurqueiros(a)s estivessem em pares. Em todos os momentos das nossas pesquisas os componentes do grupo estavam em roda, com o puxador no meio e uma quantidade de mulheres superior a de homens (Fig. 1).

Figura 1. Mazurca Pé Quente do Alto do Moura.



Fonte: Fotografia feita pela autora, (25 jun. 2018).

Mazurca Pé Quente do Alto do Moura: dos pisos batidos aos palcos

Para saber sobre a história da mazurca no Alto do Moura, suas transformações, ressignificações e resistências, entrevistamos quatro integrantes do grupo atual de mazurca do Alto do Moura: Dona Miúda, Dona Hilda – Hildacir Maria dos Santos Félix – (1959), Cícero Artesão – Cícero José da Silva – (1957) e Manoel Antônio – Manoel Antônio da Silva – (1934), e um ex-componente desse mesmo grupo: Seu Dão – João Ezequiel da Silva – (1930). Todos vivenciaram a mazurca em suas vidas desde a infância. De acordo com ele(a)s, a Mazurca Pé Quente do Alto do Moura surgiu em 2003, quando o então padre da igreja católica do Alto do Moura, Everaldo Fernandes, sugeriu que a comunidade realizasse o resgate de várias expressões que já haviam feito parte da cultura do bairro e que tinham deixado de ser praticadas ou estavam deixando de acontecer (DONA HILDA; DONA MIÚDA; CÍCERO ARTESÃO; SEU DÃO; MANOEL ANTÔNIO, 2018).

Seu Dão, que veio ao mundo através das mãos de uma parteira chamada Fortunata, como ele gosta de contar, explica que desde criança já via as mazurcas sendo realizadas pelas pessoas adultas. Também esclarece que aprendeu a mazurcar acompanhando, junto com outras crianças, as mazurcas que chegavam no Alto do Moura. Atualmente Seu Dão é a pessoa que tem conhecimento (na memória) da maior parte das letras de mazurca¹⁵ no Alto do Moura, tendo sido o responsável em repassá-las para Cícero Artesão, principalmente, que é o principal puxador e um dos coordenadores da Mazurca Pé Quente do Alto do Moura. Seu Dão parou de mazurcar em 2017, por conta do seu estado de saúde (SEU DÃO, 2018).

Originalmente as mazurcas da região geográfica que abrange também o Alto do Moura aconteciam nas casas das pessoas, ou em palhoças¹⁶ (DONA HILDA; DONA MIÚDA; CÍCERO ARTESÃO; SEU DÃO; MANOEL ANTÔNIO, 2018), não havendo lugares fixos para que ocorresse e nem sempre um motivo planejado. Manoel Antônio, que aprendeu a mazurcar observando principalmente uma mulher chamada Xereta e o filho dela, Lourival, explica que antigamente as pessoas simplesmente começavam a mazurcar. Aparecia uma pessoa, depois outra, e então chamavam mais uma e começavam a cantar e fazer o trupé. E mais pessoas iam se juntando ao grupo, sem necessariamente ter um motivo para que isto acontecesse. A mazurca era a única maneira de se divertir que as comunidades da localidade e de regiões próximas ao Alto do Moura tinham no século XX, principalmente durante a primeira metade (MANOEL ANTÔNIO, 2018).

Com o passar dos anos, com o surgimento de novas possibilidades de diversão, com o aparecimento de outras *brincadeiras*, gêneros e ritmos musicais, as pessoas foram deixando de mazurcar. E então, durante vinte ou trinta anos, aproximadamente, não houve mazurca no Alto do Moura (CÍCERO ARTESÃO; SEU DÃO, 2018). Somente no início dos anos 2000 é que essa brincadeira voltou a ser praticada no bairro. Porém, para resgatar a mazurca no Alto do Moura foi preciso ressignificá-la. A expressão já não estava mais acontecendo de forma *natural*. Seu ressurgimento partiu do próprio interesse da comunidade e, mais especificamente, dos artesãos e das artesãs da arte figurativa do barro (Fig. 2), que são todo(a)s cristãos e cristãs católico(a)s. Como já apontamos, o padre Everaldo Fernandes teve um papel importante no incentivo e nos meios para que a mazurca fosse resgatada no Alto do Moura.

15 Às vezes referem-se às letras simplesmente como mazurcas.

16 Casas feitas de palha, sobretudo de coqueiros. As palhoças na segunda metade do século XX eram construídas comumente para a realização de festejos juninos.

Essa ressignificação que criaram para a mazurca, no Alto do Moura, aparece em várias situações. Primeiro, a mazurca renasceu como um grupo com componentes fixos e com um nome: Mazurca Pé Quente do Alto do Moura. De acordo com os relatos que ouvimos, durante o século XX era comum que quando uma mazurca fosse realizada em um espaço específico, as mesmas pessoas que costumavam mazurcar comparecessem, para garantir a realização da brincadeira. Mas não existia um grupo fixo de mazurca. Havia sim os puxadores, que eram necessários para a realização da expressão. A criação de um grupo fixo de mazurca já é uma transformação, assim como um meio de resistir às mudanças. Além disso, como é *comum* acontecer no Alto do Moura, a mazurca atualmente é relacionada, por parte de seus componentes, à arte figurativa do barro.

Figura 2. Mazurca *Pé Quente do Alto do Moura*. Prédio da ABMAM.



Fonte: Fotografia enviada por Dona Hilda, (25 jun. 2019).

De acordo com as pessoas entrevistadas, o grupo não recebe nenhum recurso financeiro. Às vezes a Fundação de Cultura de Caruaru ajuda com alguma coisa, quando deseja que o grupo se apresente. Isto acontece principalmente durante o mês de junho, quando são comemoradas as Festas Juninas (Fig. 3) (DONA HILDA; DONA MIUDA; CÍCERO ARTESÃO; SEU DÃO; MANOEL ANTÔNIO, 2018), que é uma tradição muito forte e presente no interior de Pernambuco e, na região Nordeste de modo geral. A cidade de Caruaru realiza diversos tipos de festejos durante todo o mês de junho, sendo conhecida, inclusive, como a Capital do Forró, porque, em algum momento durante as últimas décadas do século XX, as Festas Juninas passaram a ser relacionadas ao gênero musical forró. O Alto do Moura é um dos principais polos dos festejos juninos do megaevento Festas Juninas de Caruaru. Importante destacar que é de interesse dos órgãos que realizam o evento utilizar as diversas expressões que existem no bairro, seja como um fator identitário, seja para diversificar a própria festa.

A Mazurca Pé Quente também não se apresenta necessariamente por um cachê. Para que suas apresentações aconteçam basta que disponibilizem o transporte para levar a(o)s mazurqueiras(o)s para o local da apresentação e um lanche após o evento. Quando não recebem recursos, são a(a)s própria(o)s integrantes que pagam para confeccionar suas vestimentas, compram os adereços que usam, como chapéu e tiaras de flores e suas sandálias de couro (DONA HILDA, 2018; CÍCERO ARTESÃO, 2018). Apesar de o grupo ter realizado o resgate da mazurca no Alto do Moura, há uma preocupação grande, por parte das pessoas que o integram, com a continuidade da brincadeira. Porque as pessoas que mazurcam são aquelas que vivenciaram a prática da mazurca desde a infância e adolescência e, no caso de algumas delas, até mesmo durante a vida adulta, quando a mazurca era uma prática *sem razão aparente* e que acontecia de forma espontânea. Uma das angústias da(o)s mazurqueiras(o)s é a falta de interesse das pessoas mais jovens em mazurcar. Pois sem elas não é possível garantir uma continuidade a longo prazo da mazurca no Alto do Moura. Cicero Artesão, por exemplo, atribui esta falta de interesse às várias opções que os jovens têm atualmente e também porque para as novas gerações mazurca está relacionada a *coisas de velhos* (CÍCERO ARTESÃO, 2018). Sales (2015a, p. 48) afirma que até mesmo as pessoas mais velhas apontam a mazurca como algo do passado, uma dança de antigamente.

Figura 3. Mazurca Pé Quente do Alto do Moura.



Fonte: Fotografia feita pela autora, (25 jun. 2018).

Não existe nenhuma relação da mazurca com alguma comida ou bebida específicas. Entretanto, nos diversos relatos, afirmam que quando as pessoas mazurcavam no Alto do Moura e nas suas proximidades durante o século passado, de forma espontânea, sempre tomavam vinho. Normalmente colocavam a garrafa de vinho no meio da roda. Quando alguém tinha sede, saía da roda, tomava um copo de vinho, e voltada para a roda para mazurcar

(DONA HILDA; DONA MIÚDA; CÍCERO ARTESÃO; SEU DÃO; MANOEL ANTÔNIO, 2018). Hoje, como estão relacionando a mazurca do Alto do Moura também às Festas Juninas, é comum que, no mês de junho, o grupo se encontre para confraternizações, com comidas típicas como pamonha, canjica, bolos de milho, pé de moleque, milho assado e cozinho, entre outras. Durante os ensaios, que normalmente acontecem no prédio da ABMAM, alguns integrantes do grupo gostam de levar vinho. Mas não existe de fato uma relação dessas bebidas e comidas com a prática da mazurca.

Dona Miúda, que aprendeu a mazurcar e a puxar as loas¹⁷, a ser uma coquista, ou puxadora, com o seu pai, explica que se lembra de histórias que ouvia sobre a pimenta. Ela conta que quando queriam acabar com a festa (durante o século XX), as pessoas jogavam pimenta no chão – que normalmente era de terra – para que o cheiro desta subisse junto com a poeira e irritasse os olhos e os narizes das pessoas. Desta forma a(o)s mazurqueiras(o)s paravam de brincar e a festa acabava (DONA MIÚDA, 2018). No livro *Sobre mazurca* (2015), organizado por Sales, há relatos de que, em contrapartida ao efeito da pimenta, jogavam garapa¹⁸ (mistura de água com açúcar) no chão, para que isso *acalmasse* o efeito causado pela pimenta e a festa pudesse continuar. Não obtivemos relatos consistentes sobre essas situações, histórias.

Embora a maior parte das pessoas que compõe a mazurca no Alto do Moura a definam criando, e justificando, relações dela com a arte figurativa do barro, inclusive explicando que isso acontece porque fazem bonecos que a representam, e que a pisada da mazurca e o amassar do barro são, para estas pessoas, *a mesma coisa*. Para Dona Hilda, que também é uma das coordenadoras da Pé Quente, a mazurca e a arte figurativa do barro são coisas completamente diferentes. A primeira é diversão, alegria, é realizada por prazer. Enquanto a segunda é trabalho (DONA HILDA, 2018). De acordo com Souza (2015, p. 64), há na mazurca um valor simbólico que carrega a história de vida do(a) brincante. Nas entrevistas e observações feitas, isto foi algo bem perceptível. As pessoas não falam sobre uma expressão, uma brincadeira, elas contam as histórias das suas próprias vidas. E nesse meio está inserida a mazurca (SOUZA, 2015, p. 65), criando relações de pertencimentos. Isto também acontece porque estas expressões, brinquedos, folguedos, estão repletos de situações de ancestralidade e trazem, como afirma Sales, debates sobre identidades (SALES, 2015b, p. 94). E é nessa ancestralidade, que se misturam com as vivências atuais, que a(o)s mazurqueira(o)s têm ressignificado e mantido viva a prática da mazurca no Alto do Moura.

As histórias, diversas, de outros lugares e tempos, se misturam com a vida atual da comunidade do Alto do Moura. Essas são passadas de uma geração para outra através das letras (as mazurcas ou loas) das músicas. Outras são criadas, representando quem são essas pessoas que mazurcam agora, o que fazem, e relatando a relação com a arte figurativa do barro, que é tão marcante no Alto do Moura. Relação criada pelos(a)s próprio(a)s mazurqueiro(a)s.

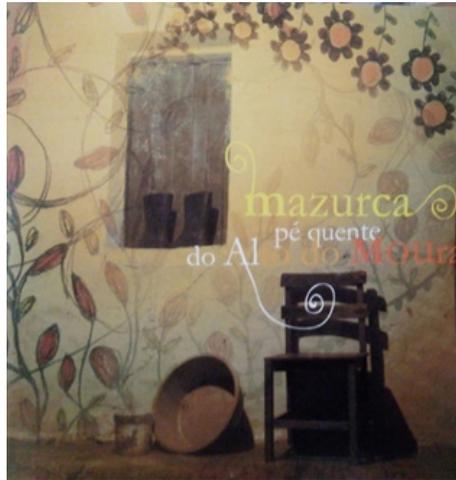
17 Nomenclatura utilizada para designar as letras das mazurcas, com ou sem melodia. As letras das mazurcas também são chamadas de mazurcas.

18 Em alguns lugares o líquido extraído da cana-de-açúcar é denominado garapa. No contexto em que a Mazurca Pé Quente do Alto do Moura está inserida a garapa é uma mistura de água com açúcar. O líquido extraído da cana-de-açúcar é chamado caldo de cana.

As mazurcas (músicas)

Em 2009, através de um projeto financiado pela FUNDARPE, a Mazurca Pé Quente do Alto do Moura gravou um CD (CÍCERO ARTESÃO, 2018), intitulado com o nome da mesma (Fig. 4). O CD é composto por 15 faixas, sendo que muitas delas têm duas e até três música (loas ou mazurcas, como são chamadas por algumas pessoas) diferentes.

Figura. 4. Capa do CD da Mazurca Pé Quente do Alto do Moura.



Fonte: Mazurca Pé Quente do Alto do Moura, (2009).

Quase todas as músicas são de domínio público. No entanto, Cicero Artesão faz questão de afirmar que foram compostas por pessoas da região que já morreram e não as registraram (CÍCERO ARTESÃO, 2018). Situação bem comum em culturas de tradição oral. Apenas duas músicas têm autoria conhecida: *Somos do Alto do Moura*, de Lauro e Ezequiel, e *Anda a roda*, de Manoel Aboiador. Para a gravação do CD houveram seis pessoas que puxaram as mazurcas: Josué (não temos informação se está vivo), Dona Miúda, Lauro (já falecido), Emídia (também falecida), Suzana (também não sabemos as informações sobre sua vida), Manoel Aboiador (também não sabemos se ainda continua vivo) (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009).

As letras das mazurcas estão sempre falando do cotidiano. Também abordam temáticas de amor. Nas músicas gravadas pela Pé Quente do Alto há palavras e expressões como *cobra verde*, *caboclo vermelho*, *saco nas costas*, *alpercata no pé*, *arara quebrando coco*, *Menino Jesus*, *Santa Cruz*, *mulungu*, *limoeiro*, *curador*, *munguzeiro*, *Maria José*, *corto cana*, *moagem*, *bota fogo logo cedo*, *pé da cajarana*, *lavandeira*, *cobra caninana*, *garrancheira*, *galho da carrapateira*, *menino dos olhos pretos*, *sobrancelha de veludo*, *casa de farinha*, *terreiro*, *prenda*, *apanhar maracujá*, *avôa*, *eu vou me banhar*, *caritô*, *soltar balão*, *fulô da fruta*, *oi valei-me a Virgem Marinha*, *moço cravado na cruz*, *Jesus de Nazaré*, *bezerrinho*, *cavalo*, *um guarda-peito gibão*, *pau memeleiro* (MAZURCA PÉ QUENTE DO ALTO DO MOURA, 2009). Nossa intenção nesse artigo não é fazer uma análise das músicas da Mazurca Pé Quente do Alto do Moura, nem mesmo das letras. Mas apresentá-las para que se perceba como os diferentes contextos nos quais a mazurca esteve e está inserida a constituem. Ao ouvir as mazurcas e/

ou ler as letras notamos a presença de várias histórias. Há narrações de amores, como em *Olha o dia* (faixa 4) (palavras transcritas como no encarte do CD):

[...]/Ai menino dos olhos d'água/Ai teus olho é minha alegria/Ai o beijo da tua boca/Ai me alimenta quinze dias/Ai menino dos olhos d'água/Ai me dá água de beber/Ai não é sede, não é nada/Ai é vontade de te ver/[...]. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009)

Encontramos trechos que remetem à presença de povos indígenas na região, como em *Anda a roda* (faixa 7):

[...]/Mas me chamaram pra cantar/Mas pensava que eu não sabia/Mas que eu sou como um **caboclo**/É quatro é muito é cinco é pouco/Vejo a terra dá pipoco e vejo o mar se balançar/[...]. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009, grifo nosso)

Podemos identificar várias cenas da vida cotidiana das pessoas que vivem no Alto do Moura (ou viveram) e em localidades próximas, que têm uma cultura rural e de agricultura de subsistência, como em *Eu já cheguei pra nós vadiar* (faixa 9):

[...]/Adeus **casa de farinha/Terreiro de amarração**/Adeus menino bonito/Prenda do meu coração/[...]. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009, grifos nossos)

Também há referências da dinâmica da vida que essas pessoas levavam, precisando migrar para outros municípios para *cortar cana-de-açúcar* e até mesmo para outros estados e regiões do Brasil, em busca de emprego. A música *Usina Estreliana* (faixa 8) retrata um pouco da cultura da cana-de-açúcar:

Eu corto cana, amarro cana/Quinze dias três semanas/Quero ver virar bagaço/Na Usina Estreliana/A Usina Estreliana/Quando ele quer moer/De noite pega a gemer/Mas apita pedindo cana/Os maquinista reclama/Bota fogo logo cedo/Os trabalhador tem medo/Da moagem da semana. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009, grifos nossos)

Já chegou meu vapor (faixa 11) também conta um pouco das pessoas que vão embora de sua terra natal.

Iai, **já chegou meu vapor**, morena/**eu vou embarcar**/O meu vapor está chegando/morena eu vou embarcar/[...]/**Eu vou embora dessa terra**/[...]. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009, grifos nossos)

A paisagem natural, a fauna e a flora, descritas nas letras também estão relacionadas com o lugar geográfico no qual a mazurca encontra-se. Como em *Mariá* (faixa 5), *Lavadeira* (faixa 8) e *Vaca malhada* (faixa 15).

[...]/**Ô cobra verde** não me morda/Ai que eu não trouxe curador/Ai nos braços de quem eu amo/Eu morro mas não sinto dor/[...]/É massa, melão, limoeiro, maranhão/Na raiz do **mulungu** tem um besouro/**Mangangá**/[...]. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009, grifos nossos)

Lavadeira fez um ninho/Lá no pé da cajarana/Lavadeira fez um ninho/No galho da cajarana/Veio a cobra caninana/É comeu os seus pelanquinho/Ela foi mudou o ninho/Pro galho da carrapateira/Carregou a garrancheira/Fez outro pequenininho. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009)

[...]/A vaca é preta é pintada/O nome dela é chandoca/O bezerrinho é pipoca/
No dia que ela se solta/Sai quebrando o memeleiro/O meu cavalo é ligeiro/Um
guarda-peito gibão/Entra no mato abaixado/Quebrando o pau memeleiro/E
no meio daquela mata. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009)

Expressões que remetem à religião católica apostólica romana também podem ser encontradas. Como exemplo temos: *Morena eu vou soltar balão* (faixa 14).

Oi valei-me a **Virgem Marinha/Esposa de São José/Ai moço cravado na cruz/Mas foi Jesus de Nazaré/[...]**. (MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009, grifos nossos)

Caruaru e o Alto do Moura também aparecem nas loas. Gostaríamos de chamar a atenção para uma música em especial: *Somos do Alto do Moura* (Faixa 6) (Imagem 5)

Somos do Alto do Moura/Da terra do artesão/Somos do Alto do Moura/Da
terra de Vitalino/Ensinou a trabalhar/O gato maracajá/Figuras de lampião/
Depois veio José Caboclo/Fazendo até procissão/Somos do Alto do Moura.
(MAZURCA PÉ QUENTE..., 2009).

A letra dessa mazurca já afirma quem são a(o)s mazurqueiras(o)s: eles e elas são do Alto do Moura, da terá do artesão. Essa é uma forma também de criar uma identidade local e relacionar a mazurca com a arte figurativa do barro. Para Baily (1997, p. 47), por exemplo, a função da música em alguns tipos de situações é criar nas pessoas uma sensação de identidade. Notamos que essa função apontada pela autora pode ser identificada na música que a mazurca do Alto do Moura produz. Na transcrição (IFig. 5) apresentada também pode ser observado o ritmo da pisada, que em alguns momentos, em algumas músicas ou trechos delas, é modificado, ficando, inclusive, *mais frenético*. Porém, esse que está transcrito é o mais constante na Mazurca Pé Quente do Alto do Moura.

Figura 5. Trecho de *Somos do Alto do Moura*. Composição de Lauro Ezequiel. O diapasão está um pouco abaixo da afinação universal: 440 Hz. A música soa quase em Fá# (fá sustenido)

The musical score is arranged in five staves. The top staff is for the vocal line, with lyrics in Portuguese. Above the vocal line, there are three sections labeled: 'solo (refrán)', 'coro (mujeres y hombres)', and 'solo (estrofa)'. The second staff is for the maraca, showing a rhythmic pattern of eighth notes with accents. The third staff is for the pisada, showing a rhythmic pattern of eighth notes with accents. The fourth staff is for the violin (V.), showing a melodic line with lyrics. The fifth staff is for the maracas (Mrcs.) and the sixth staff is for the piano (Ps.), both showing rhythmic patterns of eighth notes with accents. The score is in 2/4 time and features a key signature of one flat (B-flat).

Fonte: Transcrição de Lucas Oliveira de Moura Arruda¹⁹, (2020).

19 Essa transcrição foi feita para integrar alguns artigos que abordam a Mazurca Pé Quente do Alto do Moura escritos por mim. Aproveito para agradecer ao etnomusicólogo e músico Lucas Oliveira de Moura Arruda por ter feito a transcrição.

Discussão e considerações finais

Stokes (1997, p. 97) explica que a performance não é simplesmente a transmissão de algo, de uma mensagem cultural, mas é capaz de manipular as experiências que acontecem na sociedade. Dessa maneira, a composição de músicas que fazem referências à atividade do barro, ao Alto do Moura, à cidade de Caruaru, às Festas Juninas – que não exemplificamos, mas também há –, é uma maneira de ressignificar a prática da mazurca. Diante dos vários relatos, percebe-se que a mazurca, enquanto prática que acontece no Alto do Moura e proximidades, é algo bem antigo, talvez até anterior ao século XX. Entretanto, não foram encontrados registros ou relatos que indiquem quando e como esta brincadeira teve início na região.

Através das letras – que em sua maioria é de domínio público – e da observação do lugar – aqui também estou considerando as minhas vivências, o que conheço, pois sou neta de agricultore(a)s e vivo a 10km de distância do Alto do Moura, aproximadamente – notamos que a mazurca tem se mantido num processo de continuidade ao criar formas de se adaptar, seja através da performance, seja através do conteúdo que gera a partir das letras que canta. Nettl explica que “se e como uma sociedade muda ou intercambia seu repertório, depende de sua maneira de identificar e definir a unidade de seu pensamento musical” (NETTL, 2006, p. 26). Voltando para o nosso último exemplo (Imagem 5), notamos que o pensamento musical da Mazurca Pé Quente dialoga com a prática da arte figurativa do barro e tudo que está em torno desta. Entretanto, também observamos que, mesmo a expressão tendo passado por várias modificações, seus integrantes fazem comentários como se estivessem vivenciando a *mesma* mazurca que praticaram há mais de meio século. Isso porque mazurcar para essas pessoas é uma maneira de manter viva a história da própria vida. É possível deduzir que o ritmo da pisada, do trupé também tenha sofrido variações durante os anos, mas não tivemos acesso a nenhum material que mostre os ritmos que as mazurcas faziam no século XX.

A mazurca do Alto do Moura atualmente ocupa um outro espaço. Está nos *palcos*. Sales explica que agora, para existir, a mazurca precisa ter um motivo justificável, necessita ser formalizada. E, para isto, continua o autor, vai de encontro às tradições originais dela mesma (2015a, p. 31-32). Para ele, as políticas públicas estão presentes atualmente no discurso que permeia muitos dos folguedos do estado de Pernambuco. Isto ocorre para suprir a necessidade financeira que envolve a realização das atividades. Além disso, o estado demonstra certo interesse na memória destas tradições que, de alguma forma, aparecem como pertencimento e representação de sua identidade. E neste meio, continua Sales, acabam ocorrendo situações de desencontro entre burocracia e naturalidade destas expressões. A Mazurca Pé Quente do Alto do Moura vem tentando manter o equilíbrio entre estas situações (SALES, 2015a, p. 38-39).

Apesar da colocação de Sales e de concordarmos com o que ele relata em relação ao que mudou, não percebemos, por parte da(o)s mazurqueiras(o)s da Pé Quente, essa preocupação e/ou percepção de que as tradições foram perdidas. Pelo contrário, elas e eles sentem-se vivenciando essas *tradições* (costumes) que viveram durante suas vidas de crianças e na juventude. A preocupação dessa pessoas é com a continuidade do grupo, da mazurca, que tem se tornado cada vez menor, pois os indivíduos que a compõem ficam cada vez mais velhos e com problemas de saúde e por isso vão deixando de mazurcar. Existe, de acordo com Cícero Artesão e Dona Miúda, um grupo de crianças pequenas que está sendo *prepa-*

rado para mazurcar (CÍCERO ARTESÃO; DONA MIÚDA, 2018). Na verdade é um trabalho em que uma pessoa, uma espécie de professora, vivencia com algumas crianças do Alto do Moura algumas expressões que fazem parte da cultura local. E, durante as atividades, as crianças são incentivadas a mazurcar. Mas o contexto é muito diferente daquele em que a(o)s mazurqueiras(o)s da Pé Quente aprenderam. Estd(a)s aprenderam vivenciando. As crianças apenas escutam o CD sem visualizarem ninguém mazurcando e sem terem uma experiência real da expressão. Durante nossas observações também não vimos um público de crianças e jovens tão interessado em apreciar e se juntar ao grupo da mazurca do Alto do Moura.

É importante salientarmos que a(o)s mazurqueiras(o)s também exercem práticas da agricultura de subsistência, plantando milho e feijão no período do ano em que é comum fazer tais plantações. Mas não sobrevivem disso. E que, embora atualmente a Mazurca Pé Quente do Alto do Moura se configure numa espécie de atividade para espetáculo, com figurinos determinados, que remetem às Festas Juninas, inclusive, com ensaios antes das apresentações, reuniões do grupo, etc, as pessoas que a realizam não se comportam exatamente como artistas, no que se refere à mazurca. A atividade não é tratada como arte para quem a integra, e nem como profissão. Até porque, nesse caso, ninguém sobrevive a partir dela. O que a nosso ver dificulta ainda mais a situação de preservação e continuidade da expressão. Pois, ao mesmo tempo em que não querem que a brincadeira deixe de existir, também se recusam a apresentá-la em datas importantes para a *identidade* local. Inclusive, rejeitam convites para se apresentarem em datas como 23 de junho, véspera do principal feriado junino, o dia de São João. Nesta data, as comunidades rurais da região sempre acendem fogueiras em frente às suas casas e passam a noite comendo milho assado e outras comidas típicas como pamonha, canjica, pé de moleque. As crianças costumam soltar fogos de artifício. As pessoas se divertem e se confraternizam. É uma tradição muito forte para elas.

O estado também quase nunca dá a ajuda necessária. Segundo Cícero Artesão (2018), existe um terreno nas proximidades do bairro que tem o barro necessário para a confecção das peças de barro. Há alguns anos entraram com um pedido para o governo do estado de Pernambuco, para que este pudesse comprar o terreno para os artesãos do Alto do Moura. Mas como é sabido, o estado dificilmente confere a eles a ajuda necessária. Até 2018 isso não tinha acontecido. Cícero artesão chegou a confessar que tem medo de que alguma empresa compre esse terreno e então eles fiquem sem o barro para trabalhar e sobreviver (CÍCERO ARTESÃO, 2018). E são parte destes artesãos e artesãs que constitui a Mazurca Pé Quente do Alto do Moura, e quase todas as demais expressões da localidade. Isto não é apenas uma questão de manter estas culturas do lugar, mas de sobrevivência. E se eles e elas não sobrevivem, as expressões que estes e estas compõem morrerão.

Compreender a mazurca é entender o universo do agreste de Pernambuco, suas ancestralidades, suas memórias e a sua história. Não uma história linear, todavia trata-se da história da vida de povo que constitui cada uma das culturas que envolve essa expressão. A Mazurca Pé Quente do Alto do Moura traz reminiscências das vidas das pessoas que compõem a comunidade, das festas que vivem e vivenciaram. Festas estas que, de uma forma ou de outra, tinham e ainda têm relação íntima com a vida rural, com a agricultura e com o *amassar* do barro. A Pé Quente representa não somente o pisar na terra. Ela esculpe a própria relação que os habitantes do Alto do Moura têm com esta terra, que

transcende os limites de cidades e estados, que ultrapassa definições musicais. No Alto do Moura um grupo de artesãos e artesãs encontrou uma forma de manter a brincadeira da mazurca viva. Se esta viverá para além deles e delas, não temos como saber neste momento.

Referências

- BAILY, John. The Role of Music in the Creation of an Afghan National Identity, 1923-73. In: STOKES, Martin (Org.). *Ethnicity, identity and music: the musical construction of place*. Oxford e New York: Berg, 1997. p. 45-60.
- CÍCERO ARTESÃO. (Cicero José da Silva). Entrevista concedida à autora. Áudio. Caruaru (Alto do Moura). Em 28 jan. 2018.
- DONA HILDA. (Hildacir Maria dos Santos Felix). Entrevista concedida à autora. Áudio. Caruaru (Alto do Moura). Em 21 jan. 2018.
- DONA MIÚDA. (Josefa Maria Ferreira). Entrevista concedida à autora. Áudio. Caruaru (Alto do Moura). Em 06 fev. 2018.
- GASPAR, Lúcia. *Alto do Moura, Caruaru, Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2019. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=815&Itemid=1. Acesso em: 20 set. 2019.
- MANOEL ANTÔNIO. (Manoel Antônio da Silva). Entrevista concedida à autora. Áudio. Caruaru (Alto do Moura). Em 6 fev. 2018.
- MARLIETE RODRIGUES. (Marliete Rodrigues da Silva). Conversa informal com a autora. Caruaru (Alto do Moura). Em 23 jan. 2019.
- MAZURCA PÉ QUENTE DO ALTO DO MOURA. *Mazurca Pé quente do Alto do Moura*. CD. Composições: Lauro Ezequiel, Manoel Aboiador e domínio público. Caruaru: Martins Studio, 2009, (faixas 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 14 e 15).
- NETTL, Bruno. O estudo comparativo da mudança musical: estudos de caso de quatro culturas. *Revista Antropológicas*. ano 10, v. 17, n.1, p. 11-34, 2006.
- OLIVEIRA, Albino. *Mestre Galdino*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2019. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=869:mestre-galdino Acesso em: 29 jun. 2019.
- SALES, Thiago de Oliveira (org.). *Sobre Mazurca*. Recife: Gráfica Flamar Editora Ltda, 2015a.
- SALES, Thiago de Oliveira. Sobre a mazurca que existe no agreste, pois há muitas mazurcas. In: SALES, Thiago de Oliveira (org.). *Sobre Mazurca*. Recife: Gráfica Flamar Editora Ltda, 2015a. p. 21-50.
- SÃO JOÃO TVPE. *Mazurca Pé Quente do Alto do Moura*. TVPE: YouTube, 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5D8rjeFic4o> Acesso em: 30 jun. 2019.
- SEU DÃO. (João Ezequiel da Silva). Entrevista concedida à autora. Áudio. Caruaru (Alto do Moura). Em 06 fev. 2018.

- SEVERINO VITALINO. (Severino Pereira dos Santos). Entrevista concedida à autora. Áudio. Caruaru (Alto do Moura). Em 6 abr. 2018.
- SOUZA, Fernando Antônio Ferreira de. Mazurca numa perspectiva etnomusicológica. *In*: SALES, Thiago de Oliveira (org.). *Sobre Mazurca*. Recife: Gráfica Flamar Editora Ltda, 2015. p. 53-91.
- STOKES, Martin. *Ethnicity, identity and music: the musical construction of place*. Oxford and New York: Berg, 1997.